



“ESCREVE CERTO POHA”: PROCESSO DE CORREÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM UM GRUPO NO WHATSAPP

*“Escreve certo pohá”: portuguese language correction process in a
group in Whatsapp*

Valdir Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGL/UNEMAT
ollule4@yahoo.com

Olimpia Maluf Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGL/UNEMAT
olimpiamaluf@gmail.com

Resumo: Os grupos do WhatsApp, a exemplo de outras mídias sociais, é dependente da dinâmica das interações sociais produzidas por seus participantes, que somente “são” e “estão” por meio da linguagem. Interessados em investigar as práticas de escrita dos participantes de um grupo informal no WhatsApp, trazemos para análise as conversas de um grupo de alunos pré-adolescentes de uma escola particular da cidade de Cáceres-MT. Para efeito desse artigo, a análise se restringirá apenas às situações que dão visibilidade às práticas de produção formal da escrita pelos próprios alunos. Apesar de o grupo ser um desdobramento da sala de aula, ele não se configura em um espaço institucional, logo, seus participantes não são alunos, mas colegas de uma mesma sala de aula que criaram um grupo para discutir, nas palavras deles, as “tretas” da escola e outros assuntos de interesse do grupo.

Palavras-chave: Mídias sociais. Língua portuguesa. Escrita.

Abstract: WhatsApp groups, like other social media, are dependent on the dynamics of social interactions produced by their participants, who only “are” and “are” through language. Interested in investigating the writing practices of the participants of an informal group in the WhatsApp, we bring to the analysis the conversations of a group of pre-teen students from a private school in the city of Cáceres-MT. For the purpose of this article, the analysis will be limited only to the situations that give visibility to the practices of formal writing production by the students themselves. Although the group is an unfolding of the classroom, it is not an institutional space, so its participants are not students, but colleagues from the same classroom who created a group to discuss, in their words, the “tricks” of the school and other subjects of interest of the group.

Keywords: Social media. Portuguese language. Writing.

O *Whatsapp Messenger* ou simplesmente “ZapZap”, como também é chamado no Brasil, é um aplicativo de interação social, criado em 2009, que redimensionou as práticas de comunicação mediadas pelos *smartphones*. É um aplicativo que, quando conectado à internet, possibilita a chamada de voz e de vídeo chamadas (*facetime*) e o compartilhamento instantâneo de textos escritos, links, emoticons e emojis, de áudio de voz, de vídeos e de fotos e localização por GPS. O aplicativo permite ainda anexar e compartilhar arquivos armazenados no *smartphone*, como vídeos, áudios, imagens, documentos nos mais diferentes formatos e contatos telefônicos. Para além da comunicação entre duas pessoas, o *WhatsApp* possibilita também a criação de grupos com até 250 participantes.

No grupo, para além das funções descritas acima, os participantes podem se valer da função *citação*, um recurso que permite deslocar e mencionar uma mensagem postada anteriormente, com o objetivo de indicar aos participantes a quem a mensagem está sendo dirigida especificamente. Em 2018, o *WhatsApp* tornou possível a realização de chamadas por vídeo ou por áudio em grupo com até quatro participantes. Essas funções de fácil utilização (intuitiva) e com um custo bastante reduzido tornou o *WhatsApp* o mensageiro digital mais popular do mundo.

Por ser um sistema que possibilita a interação social entre duas ou mais pessoas, o *WhatsApp*, a exemplo dos outros sistemas de mídias sociais, tais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *YouTube*, vem sendo também tomado por professores e pesquisadores ao redor do mundo como um espaço de práticas de educação. O fato de o *WhatsApp* permitir a criação de grupos confere a ele uma dimensão ainda mais significativa, pois possibilita a construção de comunidades de práticas sociais com diferentes finalidades, dentre elas a de ensino e de aprendizagem, como podemos verificar nos trabalhos de Aragão (2017); Hamad (2017), Andújar e Martínez (2017), Veeresh e Kumara (2017), Aicha (2014), Bouhnik e Deshen (2014), Church e Oliveira (2013), Cohavi (2013), entre outros.

Na definição de Kurt (1988), um grupo não se define pela simples proximidade ou soma dos seus membros, mas sim como um conjunto de pessoas interdependentes que se inter-relacionam com propósitos em comum, como observam Hansen, Warner e Smith (1976, p. 5):

[...] os integrantes de um grupo partilham atitudes e valores comuns, aceitam-se uns aos outros e relacionam-se uns com os outros. Aceitam a pertença no grupo para

lidar com os problemas que têm em comum, assim como para satisfazer algumas necessidades individuais.

Nessa direção, um grupo criado no WhatsApp enquanto espaço de práticas de ensino e de aprendizagem nos remete às reflexões conceituais de Novelli (1997), que toma a sala de aula como um “espaço socialmente instituído”. Para o autor, por ser uma alternativa de lugar para se “estar”, a sala de aula partilha a categoria de espacialidade com outros espaços, a diferença que a distingue é precisamente a natureza das práticas sociais que se desenrolam em seu interior. Assim, um grupo criado no WhatsApp com propósitos educacionais é também um espaço socialmente instituído para se “estar”, pois tal grupo compartilha de outras espacialidades grupais no próprio aplicativo, como os grupos de família, de amigos, de religião, de trabalho, etc, e com outros sistemas de mídias sociais, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *YouTube*, o *Telegram* etc.

O WhatsApp expandiu o espaço físico e das interações sociais da sala de aula presencial, ou seja, agora uma sala física pode ter uma interface institucional no contexto virtual, por meio de grupos formados com professores e alunos, apenas com professores, grupos de pais, entre outros. Para além desses grupos institucionais, existem os grupos criados pelos/para o coletivo dos alunos, ou seja, sem a presença absoluta de professores, pais ou qualquer outra representação institucional de controle, como se pode ver na Figura 1. São, por essa razão, grupos informais que discutem não apenas as questões relacionadas à sala de aula e a escola, mas também a outros assuntos que desejarem.



Figura 1
Representação das dimensões espaciais da sala de aula¹

Uma das características dos grupos informais do WhatsApp é que, para entrar (*login*), o participante precisa ser adicionado por um dos administradores do grupo, porém, para sair (*logout*), basta que ele acione a função “sair do grupo”. Em síntese, no âmbito do *WhatsApp*, as funções criar, apagar, entrar, sair de um grupo são procedimentos extremamente usuais.

Os grupos do WhatsApp, a exemplo de outras mídias sociais, é dependente da dinâmica das interações sociais produzidas por seus participantes, que somente “são” e “estão” por meio da linguagem. Sem ela, não se tem prática social, logo, mesmo tecnicamente criado, não se tem o grupo.

A língua(gem) posta em funcionamento pelos participantes no WhatsApp é marcada por uma diversidade de materialidades textuais no *continuum* discursivo do grupo, ou seja, as conversas estabelecidas entre os participantes podem ser realizadas por meio de diferentes formas de dizer que se inter cruzam na tessitura do espaço-tempo das conversas. Por exemplo, em um determinado contexto, uma conversa pode iniciar com uma mensagem escrita

¹Elaboração do autor.

formalmente e, na sequência, ser escrita em Internetês, fazer uso de emoticons e emojis, memes, entre outros. A conversa pode ainda conter áudios de voz e até de vídeos.

Interessados em investigar as práticas de escrita dos participantes de um grupo informal no WhatsApp, trazemos para análise as conversas de um grupo de alunos pré-adolescentes de uma escola particular da cidade de Cáceres-MT. Para preservar a identidade dos alunos, o nome do grupo, os nomes, apelidos, números telefônicos e imagens foram ocultadas por meio de uma tarja preta. As imagens aqui apresentadas foram capturadas (*print screen*) do celular de um dos alunos.

A sequência das conversas, delimitadas para essa análise, é um recorte das interações realizadas no grupo entre às 13h57min e às 19 horas do dia 17/04/18. Para efeito desse artigo, a análise se restringirá apenas às situações que dão visibilidade às práticas de produção formal da escrita pelos próprios alunos. Apesar de o grupo ser um desdobramento da sala de aula, ele não se configura em um espaço institucional, logo, seus participantes não são alunos, mas colegas de uma mesma sala de aula que criaram um grupo para discutir, nas palavras deles, as “tretas” da escola e outros assuntos de interesse do grupo. Por essa razão, todos os integrantes são tratados como Participantes (P), a mesma nomenclatura empregada pelo WhatsApp, e, para distingui-los são usados números (P1, P2...).

1 – “*Escreve certo poha*”



Figura 2

Na Figura 2 temos uma conversa estabelecida com duas participantes. Como podemos ver, no primeiro bloco de postagem, P1 traz uma citação de P2 para mostrar que ela escreveu a palavra “agente” ao invés da expressão “a gente”. Por conta disso, P1 vai dizer, de forma enfática, “escreve certo pohá”. É interessante verificar que nesse processo, P1 expressa sua indignação com a escrita de P2 por meio da interjeição “pohá” (Porra!!!), ou seja, ela substitui os dois “erres” de “porra” por “h”, um típico exemplo de Internetês.

Na mesma sequência, P1 diz que “É simples”, ou seja, diz para P2 que não é difícil escrever “a gente”. “É simples” indica que, nesse caso, escrever corretamente “a gente” é uma questão de atenção. Esse entendimento de que se escrever tal expressão é simples fica claro quando, de forma didática, P1 posta “escreve: a gente”. Vejam que primeiro ela se vale de um imperativo “escreve” seguido de dois pontos (:), para fazer um esclarecimento, uma síntese do que foi dito anteriormente, isto é, a forma correta de se escrever “agente” no contexto apresentado na citação: “se escreve: *a gente*”.

Pelo fato de ter sido exposta pela correção mediante todo o grupo, P2 protesta com a mensagem “Afe me deixa”. Apesar de P2 ter ficado incomodada com o processo de correção, é interessante verificar que 11 minutos depois, às 13h57min, em meio às discussões do grupo, P2 faz uma postagem escrevendo corretamente: “A gente sabe”.

Imediatamente P1, como se pode verificar no último bloco, traz a citação de P2 e para celebrar, com ironia, posta um longo “Aeeeeeeeeee”, seguido de “Vai chover” para dizer que, nesse caso, P2 aprendeu a escrever corretamente a expressão *a gente*.

2 – “Então né”



Figura 3

A Figura 3 refere-se a interação entre quatro participantes e tem início com uma mensagem de voz postada por P1 querendo saber se a professora havia permitido a utilização de gás hélio para encher os balões que seriam utilizados no experimento da Feira de Ciências da escola. A resposta, dada por uma mensagem escrita por P2, afirma: “Que eu lembro a professora deichou”. Constatando o erro de P2, P3 imediatamente escreve: “Deixou”, uma forma mais cuidadosa de correção do erro da colega. Na sequência, P4, citando P3, escreve a interjeição “então né”, com a finalidade de reforçar os cuidados que P2 precisa ter com a escrita.

3 – “To nem aí como eu escrevi”

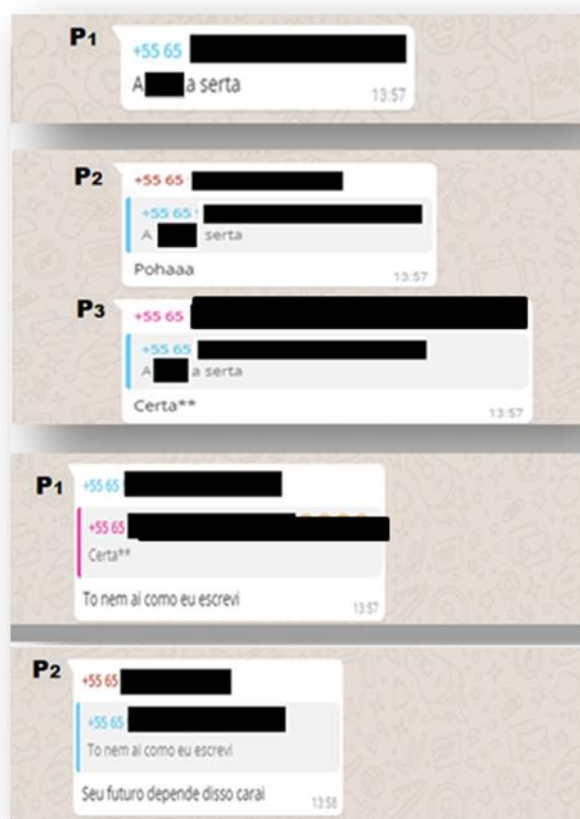


Figura 4

A sequência da conversa apresentada na Figura 4 inicia-se com uma postagem de P1 dizendo que a colocação de uma das participantes do grupo sobre uma atividade da escola está “serta”. A reação de P2 é imediata no sentido de dar visibilidade ao erro da colega, pois, primeiro cita P1 e, na sequência, escreve: “Pohaaaa”. Ou seja, repreende com veemência o erro cometido por P1, sem, contudo, mostrar a forma correta da escrita da palavra. Esse procedimento de correção é dado por P3, que cita a mensagem de P1 e escreve corretamente a palavra “certa”, incluindo dois asteriscos.

No contexto das práticas de escrita nas mídias sociais, o emprego do asterisco, antes ou depois de uma palavra, tem por objetivo corrigir algo que foi, anteriormente, digitado de forma incorreta. Trata-se de uma convenção do meio digital que equivale comumente a uma autocorreção.

No caso em análise, os asteriscos, escritos por P3, têm a função de ensinar para P1 a forma correta da escrita, ou seja, aqui o que se verifica é que os asteriscos funcionam de forma a dar visibilidade à grafia correta da palavra “certa” por uma outra participante. Contudo, indignada com a exposição, P1, para demonstrar indiferença à correção feita pelas colegas, escreve “To nem ai como eu escrevi”. Na sequência, P2 cita a postagem com o entendimento de P1 e escreve “Seu futuro depende disso carai”, marcando a importância de se escrever corretamente. O “futuro” possivelmente está relacionado à necessidade de se ter um bom desempenho nas provas de redação dos vestibulares e do ENEM, como vistas ao ingresso em um curso de graduação.

4 – “É baixar”



Figura 5

A conversa da Figura 5 se dá entre dois participantes e começa com a citação de P1, que traz a foto de um celular comprado por um colega e publicado no grupo. Na sequência P1 diz “O primeiro jogo que ele vai abaixar vai ser *Pokemon Go*²”. Ocorre que P1 escreve “abaixar” ao invés de “baixar³”, o que produz a postagem de P2 reproduzindo, primeiro, a

²Jogo de realidade aumentada que permite aos jogadores capturar, batalhar e treinar as criaturas virtuais, os Pokemons, que aparecem na tela do smartphone como se fossem no mundo real.

³Termo da internet traduzido da palavra inglesa *download* que se refere ao processo de fazer a transferência de arquivos de um servidor remoto para um computador local, aqui, um smartphone.

palavra tal como escrita por P1 “abaixar”, postando, em seguida, uma risada “kkkk”, uma das formas de expressar a derrisão na internet e, por fim, posta a escrita correta o termo “baixar”, terminando a postagem, mais uma vez, com a risada (kk). Nesse caso, como podemos perceber, P2 faz a correção do termo de forma sarcástica (irônica), ou seja, “tira sarro” do erro do colega.

A constatação de que P1 se sente ofendido com a correção eo sarcasmo de P2 marca-se na resposta que é publicada “fodase”, externando o incômodo ou a indiferença pela forma com que a correção se realiza.

O grupo em estudo, diferentemente do grupo formado por professores e alunos da turma, não existe mais, ele foi apagado e outros grupos foram criados pelos alunos. Isso aponta que o gesto de criar e apagar, entrar e sair de um grupo no WhatsApp é um procedimento natural que tipifica a dinâmica nesse sistema de práticas sociais.

O que importa é estar conectado, pois, conforme pontua Silva (2016, p.51),

Estar conectado significa estar em rede, ou seja, interligado por nós que tornam possível a união, a comutação, a troca, a transformação. Estar conectado através das tecnologias vigentes é uma das características da sociedade contemporânea.
(grifos do autor)

Quando olhamos para as dinâmicas das práticas de interação e de linguagem nesse grupo, verificamos uma série de fenômenos. O primeiro refere-se ao fato do grupo, mesmo não sendo um espaço institucionalizado, colocar em funcionamento virtual a escola que se produz como efeito sobre a postura de correção/ensinamento de cada um dos participantes: marcado pelo processo de correção da escrita das palavras *a gente/agente, deixou/deixou, certa/serta e baixar/abaixar* em meio a uma escrita típica do virtual e de comportamentos que possivelmente não se manifestariam na sala de aula, como se pode verificar nas respostas dadas às correções realizadas: *Afe me deixa, To nem ai como eu escrivi e Fodase*.

Outro aspecto interessante de se notar é que no grupo há em funcionamento duas formas concomitantes de prática de escrita: 1) diz respeito à escrita formal, que se apresenta nos processos de correção, como mostrado acima, 2) a escrita informal, típica do contexto virtual.

As mensagens em análise apontam que os participantes têm conhecimento sobre as diferentes formas de práticas de escrita em contextos sociais aos quais elas se aplicam. Por

exemplo, a mensagem “*escreve certopoha*” poderia ser vista como contraditória, uma vez que a participante pede para a outra escrever corretamente a palavra “certa” (escrita com “s”), porém, como notamos, ela própria escreve “porra” com “h”. Contudo, no contexto das práticas de escrita no virtual, essa forma de escrita não se configura como um erro, pois se trata de uma estratégia linguística de imprimir velocidade na escrita, uma exigência dos processos de comunicação em tempo real, o que se verifica nos horários de postagem das mensagens dos participantes.

É preciso entender que o grupo do WhatsApp, a exemplo de qualquer outro contexto de mídia social, mesmo sendo um sistema midiático, se configura como um espaço autêntico de interação social e de práticas de linguagem. Apontando, de forma inequívoca, a capacidade humana de se mover e adaptar-se nos diferentes contextos sociais, sejam eles offline, online ou híbridos. Esse funcionamento aponta ainda a natureza plástica da linguagem que, moldada pelos sujeitos, assegura o processo de comunicação e principalmente a produção de sentidos.

Em suas discussões sobre linguagem online, Barton e Lee (2015), no que se refere às afinidades e outros agrupamentos, dizem que as pessoas podem interagir sem a presença física e sem papéis claros ou rígidos. Por esse motivo, seguem eles, precisamos estar cientes das diferentes formas de participação e dos diferentes propósitos ao teorizar questões relacionadas com a linguagem online. Nessa direção, os grupos do WhatsApp, como se pode ver aqui, reforça o conceito de inteligência coletiva e de construções colaborativas de Levy (2003, p. 28), ou seja, são espaços de práticas sociais que se estruturam com base em “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Os grupos do WhatsApp, enquanto emergência de um fenômeno novo na sociedade contemporânea, requerem a produção de estudos mais amplos sobre as práticas de ensino-aprendizagem e de língua(gem) nestes contextos, pois, como sugere o próprio processo de nomeação⁴, a rede social WhatsApp produz a provocação e diz dessa necessidade de mais pesquisas.

⁴O nome do aplicativo, WhatsApp, deriva da junção da expressão inglesa “What'sup?” (“o que está havendo?” ou “o que está rolando?”), acrescida de App, abreviação de “Application Program”.

Referências

AICHA, B. A. The Impact of WhatsApp Mobile Social Learning of The achievement and Attitudes of Females Students and Compared with Face to Face Learning in the classroom. **European Scientific Journal**, 10(22), 116-136. 2014

ANDÚJAR-VACA, A. e CRUZ-MARTÍNEZ, M. S. Mobile Instant Messaging: Whatsapp and its Potential to Develop Oral Skills. **Media Education Research Journal**, 25(50), 43-52. 2017. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1168743.pdf> Acesso em 29 set. 2018.

ARAGÃO, R. C. Emoções e ações de professores ao falar inglês no WhatsApp. **Rev. bras. linguist. apl.** [online]. vol.17, n.1, pp.83-112. 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201610396>. Acesso em 29 set. 2018.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BOUHNİK, Dan e, Mor. WhatsApp Goes to School: Mobile Instant Messaging between Teachers and Students. **Journal of Information Technology Education: Research**, v13 p217-231. 2014. Disponível em: <http://www.jite.org/documents/Vol13/JITEv13ResearchP217-231Bouhnik0601.pdf>. Acesso 29 set. 2018.

CHURCH, K., e de OLIVEIRA, R. What's up with Whatsapp? Comparing mobile instant messaging behaviors with traditional SMS. **Proceedings of the 15th International Conference on Human-computer Interaction with Mobile Devices and Services** (pp. 352-361). ACM. 2013.

COHAVI, A. How did Whatsapp became the strongest social network? **Calcalist**. 2013. Disponível em <http://www.calcalist.co.il/local/articles/0,7340,L-3593840,00.html>. Acesso 29 set. 2018.

HAMAD. M. Using WhatsApp to Enhance Students' Learning of English Language "Experience to Share" **Higher Education Studies**; Vol. 7, No. 4; Published by Canadian Center of Science and Education 74,2017. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/320982195_Using_WhatsApp_to_Enhance_Students'_Learning_of_English_Language_Experience_to_Share. Acesso em 29 set. 2018.

HANSEN, J. C., WARNER, R. W., SMITH, E. M. **Group Counseling**: Theory and Process. Chicago: Rand McNally College Publishing Company. 1976.

KURT, Lewin. The dynamics of group action. *Educational Leadership*, p. 195-200, Jan. 1944. Disponível em http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el_194401_lewin.pdf. Acesso em 29 set. 2018.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola. 2003

NOVELLI, P. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. Interface — **Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997.

SILVA, V. O grupo como sistema adaptativo complexo: um estudo das práticas de ensino e aprendizagem no contexto do Facebook. In: **Complexidade em ambientes de ensino e de aprendizagem de línguas adicionais**. Curitiba: Editora CRV, 2016.p. 49-69.

VEERESH, C. e KUMARA. P. Impact of Whatsapp Mediated Learning Approach on Academic Achievement of Student Teachers. **Imperial Journal of Interdisciplinary Research** (IJIR) Vol-3, Issue-9, 2017. Disponível em <https://www.onlinejournal.in/IJIRV3I9/025.pdf>. Acesso em 29 set. 2018.

Sobre o autor e a autora

Valdir Silva

Doutor em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras (FALE/UFMG, 2008). Atua como professor efetivo do Curso de Letras, campus de Cáceres, na área da Linguagem e Tecnologia e Língua Inglesa. É professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT, na área da Linguística Aplicada.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6457908047319559>

Olimpia Maluf Souza

Docente do departamento de Letras e do programa de Mestrado/Doutorado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Processos de autonomia, de produção e de identificação intelectual: a Análise de Discurso no Centro-Oeste.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9974266213083899>

Artigo recebido em Agosto de 2018.
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2018.